

AS RELAÇÕES RURAIS E URBANAS NO POVOADO LAGOA DE JUAZEIRO – BA

RURAL AND URBAN RELATIONS IN THE VILLAGE OF LAGOA DE JUAZEIRO – BA

22

Macsuelle Silva Santos

macsuellesilva@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista - Bahia – Brasil

Altemar Amaral Rocha

altemarrocha@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista - Bahia – Brasil

Submetido em 26 de fevereiro de 2020

Aceito em 04 de maio de 2020

Resumo

Este artigo aborda algumas concepções sobre o urbano e o rural, apresentando as perspectivas da visão dicotômica que ainda se tem ao se pensar no campo como o espaço da ausência, do oposto à cidade, as perspectivas de um *continuum* rural-urbano, diante das semelhanças e continuidades e a perspectiva do urbano e o rural como modos de vida, de pensar, agir e sentir. O objetivo desse artigo é apresentar o modo de vida da população do povoado Lagoa de Juazeiro – BA, que apesar de uma estrutura rural característica, apresenta em seu cotidiano, alguns aspectos desenvolvidos no meio urbano.

Palavras-Chave: Rural; Urbano; Modo de vida; Povoado Lagoa de Juazeiro.

Abstract

This article approaches some conceptions about the urban and the rural, presenting the perspectives of the dichotomous vision that still has, when thinking about the field as the space of absence, from the opposite to the city, the perspectives of a rural-urban continuum, before the similarities and continuities and the urban and rural perspective as ways of life, of thinking, acting and feeling. The objective of this article is to present the way of life of the population of the town of Lagoa de Juazeiro - BA, which despite a characteristic rural structure presents in its daily life some aspects developed in the urban environment.

Keywords: Rural; Urban; Lifestyle; Lagoa de Juazeiro.

O Rural E O Urbano: Quantas Questões!

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, censo de 2010, o Brasil é predominantemente urbano, com apenas 16% de sua população residindo em áreas rurais, porém, grande parte do vasto território permanece rural.

Lefebvre (1999) explica que o urbano e, conseqüentemente, a sociedade urbana surge com a chegada da industrialização e se desenvolve através de algumas instalações, tais como: bancos, financeiras, shoppings, lojas, dentre outros. Assim, o urbano torna-se o espaço de circulação de coisas, pessoas e de trocas. Com base referencial em Lefebvre, Carlos (2008), expõe que “o urbano é mais do que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir; enfim, é um modo de vida”. Assim, o espaço urbano é também um condicionante social que se dá através do papel que as obras vinculadas pela sociedade - as formas espaciais - exercem na reprodução das condições de produção e das relações sociais de produção. Dessa forma, não se deve pensar o desenvolvimento urbano apenas pelo viés econômico, mas também, pelo aspecto socioespacial, no sentido de possibilitar mudanças nas relações sociais, ampliando a qualidade de vida.

A partir das leituras do rural e do urbano e campo e cidade, têm-se chegado a diversos debates e conceitos sobre o que é o rural e o que é o urbano. As discussões delineadas nessas esferas receberam novas definições em meados do século XX, justificado, em grande parte, pelas profundas transformações nas relações econômicas, sociais e políticas vivenciadas pelo período. As principais transformações estiveram relacionadas à consolidação da modernização da agricultura. Dessa forma, a mundialização do capitalismo é o ponto de partida para essa reflexão, uma vez que incide intimamente nas políticas produzidas para o meio rural.

Em meados da década de 1970, período marcado pelo desenvolvimento de um modelo agrícola baseado na mecanização, os debates começaram a ficar mais intensos, recriando interpretações e dando novas definições para os fenômenos.

Enquanto a antiguidade o campo e a cidade eram diferenciados a partir da divisão do trabalho, facilitando a delimitação dos mesmos, na modernidade, defini-los é algo complexo, pois os limites tendem a desaparecer fisicamente em função do desenvolvimento da força produtiva e das novas relações de produção (ENDLICH, 2006).

Para Moreira (2003), o debate sobre urbano e rural começa a partir da revolução industrial, na qual a burguesia industrial da época, definia o rural como agrícola e o urbano como comercial e industrial.

Ao debater a situação do campo brasileiro é preciso considerar que durante muito tempo a vida rural esteve ligada à visão de um lugar de atraso e decadência; o ambiente urbano, por outro lado, é concebido como oposto ao rural, tendo como sinônimo, progresso e modernidade.

Albuquerque e Pimentel (2004), apontam que a sociedade ainda não consegue pensar o rural como um ambiente capaz de atender outras atividades que não sejam a agricultura e/ou pecuária, pois “não consegue visualizar um ambiente rural no qual a industrialização já chegou”.

Para Marques (2002), a distinção entre campo e cidade só se fez necessária a partir do século XIX, quando o processo de urbanização se acelerou com o advento da revolução industrial. A partir daí as análises sobre diferenciação urbano-rural passou a se basear em duas linhas; dicotomia e *continnum*.

A visão dicotômica estabelece uma oposição entre o urbano e o rural, caracterizando o urbano por construções, arruamentos, alta densidade demográfica e o espaço rural como o oposto do urbano, sendo definido a partir das suas deficiências e não das suas características. Esse modelo foi muito criticado, já que é possível encontrar áreas em uma cidade semelhantes a áreas rurais, assim como é possível encontrar áreas na zona rural com características consideradas urbanas (IBGE, 2013). Essa abordagem ignora a existência de uma interligação entre o urbano e o rural, determinando um fim para rural a medida que o urbano se desenvolve.

O uso do conceito *continnum* rural-urbano se intensificou em meados da década de 1960 como uma crítica a visão dicotômica. Conforme o Dicionário Oxford de geografia humana, citado por IBGE (2013), o *continnum* rural urbano é

Um conceito que postula que não há uma divisão aguda entre a vida urbana e rural, mas que os assentamentos existem ao longo de um contínuo de muito rural para altamente urbano. O urbano não para simplesmente e começa o rural, mas eles vazam através um do outro. Além disso, é possível encontrar espaços em uma cidade que parecem rurais, e lugares em áreas rurais que são bastante urbanos. Como tal é problemático falar de lugares como simplesmente rurais ou urbanos, em vez disso é preciso considerar como eles se entrelaçam e se sobrepõem (IBGE, 2013 *apud* DICIONÁRIO OXFORD, 2013)

Essa abordagem é decorrente das interdependências na relação campo-cidade e do processo de urbanização que reincide sobre toda sociedade, alcançando as regiões rurais e urbanas. Nessa perspectiva, Wirth (1987) entende o urbano como o modo de vida de quem vive na cidade, mas que extrapola os limites físicos desta, assim como o modo de vida rural excede aos limites da cidade.

No Brasil, o critério adotado para a definição oficial do espaço urbano e rural é o político-administrativo, que considera como espaço urbano toda sede de município (cidade) e distrito (vila) (Marques, 2002). O IBGE (1999), citado por Marques (2002), considera área urbanizada toda área legalmente definida como urbano, caracterizado por construções, intensa ocupação humana e infraestrutura.

Com o avanço da urbanização, surge a ideia de um “novo rural” brasileiro, Graziano da Silva (1997) apontou que cerca de um terço do total de 15 mil pessoas da população economicamente ativa rural, se ocupavam com atividades que não eram tradicionalmente agrícolas. Esse dado mostra que não é mais possível explicar o espaço rural brasileiro apenas pelas atividades agrícolas, pois há um conjunto de atividades não-agrícolas, tais como a prestação de serviços, comércio e indústria, dinamizando cada vez mais as atividades da população do espaço rural brasileiro.

O espaço rural não mais pode ser pensado apenas como um lugar produtor de mercadorias de agrárias e oferecedor de mão-de-obra. Além dele poder oferecer ar, água, turismo, lazer, bens de saúde, possibilitando uma gestão multipropósito do espaço rural, oferece a possibilidade de, no espaço local-regional, combinar postos de trabalho com pequenas e médias empresas (GRAZIANO DA SILVA, 1997).

Assim, o espaço rural brasileiro, ganhou novas funções e novas ocupações (Graziano da Silva, 1997). As pessoas passaram a buscar o rural como ambiente para o lazer e relaxar, tornando-se uma alternativa para fugir do caos urbano, dessa forma, passou-se a investir em chácaras, sítios, hotéis-fazenda e coisas do gênero. Simultaneamente, o homem do campo deixa de ter uma atividade fixa, não mais se ocupando com atividades exclusivamente rurais. De acordo Siqueira e Osório (2001), “começa a se formar no rural, um mercado para profissões

outrora tipicamente urbanas, motoristas, secretárias, professores, administradores e muitos outros”. A utilização dos espaços rurais dentro desse contexto de “fuga do stress da vida urbana”, visa satisfazer os desejos de consumo em que o rural é mais uma imagem criada do que real, ou seja, um rural idealizado pela mídia que apresentam o rural como uma cidade melhorada, com toda infraestrutura e conforto oferecidos pelas cidades, porém, em um cenário mais verde, mais natural. Essa valorização do rural nada mais é que a transformação desses espaços em mercadorias a serem vendidas por agências de turismo (KIELING e SILVEIRA, 2015).

Nesse sentido, Candiotto e Correa (2008, p. 239), citado por Kieling e Silveira (2015, pag. 139) destaca que

[...] moradores os urbanos valorizam o rural como paisagem, e buscam um rural sem os inconvenientes tradicionais do campo (mau cheiro, insetos, sujeira, animais peçonhentos, trabalho pesado), e com o máximo de conforto das cidades (infraestrutura, boas estradas, TV, internet, piscina, ar condicionado, etc.). É de se entender, portanto, que existe uma diferença entre as ruralidades “reais” e as ruralidades idealizadas pela mídia, pelos empresários e pelos políticos, que influenciam a percepção dos habitantes urbanos, atraindo-os para o consumo do espaço rural (KIELING e SILVEIRA, 2015 *apud* CANDIOTTO e CORREA, 2008).

Essa diversificação do meio rural representa uma tarefa onde estão envolvidos uma série de fatores que envolvem diretamente os âmbitos socioeconômico, ambientais e culturais do espaço, onde vem sendo desenvolvida essas atividades não-agrícolas. Conforme Jacinto e Pehouskei (2012), novas identidades rurais ou manifestações de ruralidades

Jacinto e Pehouskei (2012) destacam que a superação da fragmentação entre cidade e campo não deve ser confundida como desaparecimento do campo e das atividades agrárias, pois essa superação está ligada às relações de produção.

O Modo De Vida Da População Do Povoado Lagoa de Juazeiro

O Povoado Lagoa de Juazeiro está localizado no distrito de Iguá, zona rural do Município de Vitória da Conquista – BA. Conforme o IBGE (2010), o Povoado supracitado possui 350 domicílios, sendo que apenas 254 destes são ocupados por uma população de 977 residentes.

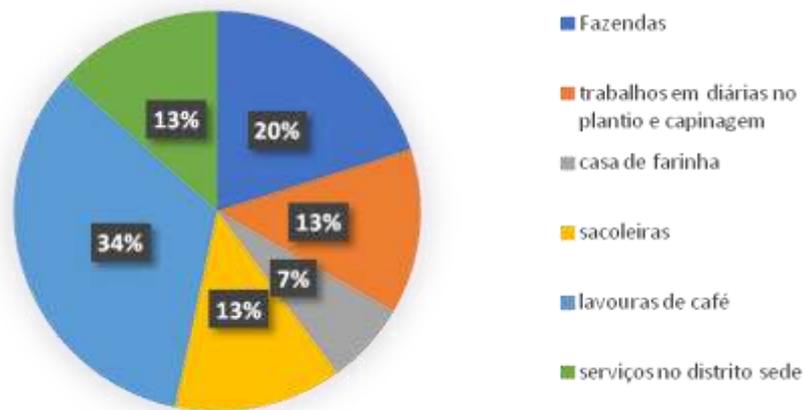
Por estar localizado em uma região semiárida, a população residente enfrenta grandes problemas com a escassez de chuva, o que inviabiliza a sobrevivência somente por meio das atividades agropecuárias, muito do que produzem, é perdido devido à falta de chuva. Assim, em busca de novas alternativas para a sobrevivência, buscam por novas configurações de trabalho, em alguns casos, nas cidades.

Com o objetivo de analisar o modo de vida da população juazerense, foi aplicado questionários para aproximadamente 15% da população, com questões voltadas para atividades profissionais, escolaridade, mobilidade, vínculo empregatício, renda familiar, meios de transportes utilizados para chegar até o trabalho, se possui banheiro dentro de casa ou não, se tem acesso à internet constantemente em casa e lazer, além disso, foi realizado registros fotográficos mostrando um pouco da estrutura do povoado.

Guerra (1993) destaca o modo de vida em dois aspectos: por um lado, o modo de vida está associado à análise da relação entre as disparidades das práticas cotidianas, lazer, mobilidade, circulação, trabalho, etc. e, por outro lado, às relações que os conjuntos dessas práticas cotidianas estabelecem com as relações sociais.

No que diz respeito às últimas atividades profissionais desenvolvidas pelos entrevistados, mesmo havendo uma predominância de atividades rurais, pelo menos 26% dos entrevistados se ocupam com atividades urbanas (Figura 1). Contudo, mesmo a maioria realizando atividades, predominantemente, rurais, a relação do trabalho é urbana, já que esses trabalhadores são mãos de obra e não proprietários das terras em que trabalham, submetendo-se à lógica da reprodução da força de trabalho expressa pelas condições de exploração e de classe. No processo de luta pelo trabalho, constata-se uma ampla mobilidade desses trabalhadores, entre o campo-cidade e entre campo-campo, a procura de meios de sobrevivência idealizando um caminho de investigação de estabilidade no instável mundo do trabalho que ora absorve, ora expulsa trabalhadores.

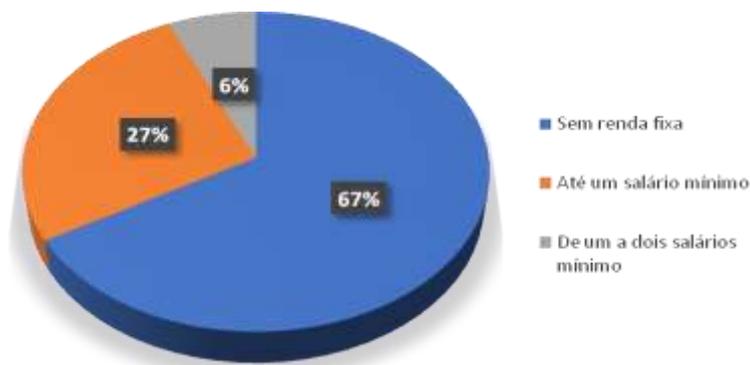
Figura 1 – Últimas atividades desenvolvidas pela população do Povoado Lagoa de Juazeiro - BA



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

Sobre o vínculo empregatício, foi constatado que 91% dos trabalhadores entrevistados desenvolvem trabalho sem carteira assinada e 76% é de caráter temporário. Das famílias entrevistadas, 80% recebem o auxílio do bolsa família, a qual os ajudam a permanecerem no povoado, colaborando com a renda familiar. Como a maioria dos trabalhadores são de caráter temporário, mais de 60% não possui uma renda fixa (Figura 2), varia conforme o emprego da vez, e/ou da safra, no caso, principalmente dos colhedores de café.

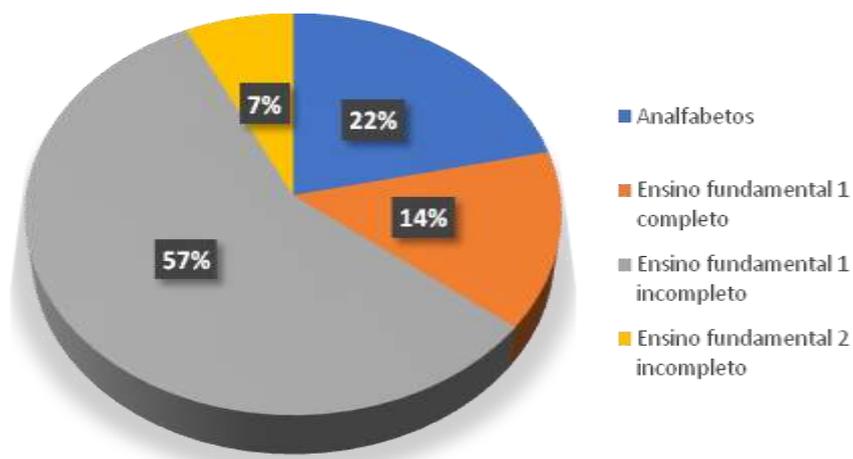
Figura 2 – Renda familiar



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

Quanto ao grau de escolaridade, nenhum dos entrevistados concluiu pelo menos o ensino fundamental II, que vai até o 9º ano, antiga 8ª série, como demonstra a figura 3. Questionados sobre o baixo índice de escolaridade, mais de 80% dos entrevistados informaram que abandonaram os estudos para trabalharem e ajudarem os pais, os demais, para cuidarem dos filhos. Na tentativa de fugirem do estado de misérias, a população tem como alternativa, abandonarem os estudos para irem em busca de empregos, na qual se caracteriza como a própria luta pela sobrevivência. De acordo Marques (2002), a pobreza no campo é proporcionalmente maior que na cidade, também, são identificados nesses espaços os menores índices de escolaridade, os mais baixos níveis de renda média, os maiores índices de desemprego e analfabetismo.

Figura 3 – Nível de escolaridade dos entrevistados



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

Assim, durante a maior parte do ano, a população local vive em uma intensa mobilidade sazonal do trabalho. Esta condição acaba obrigando muitos habitantes a sair todos os dias de sua residência para trabalhar na zona urbana do município, com o objetivo de garantir a sobrevivência familiar. Normalmente, se submetendo a trabalharem como empregadas

domésticas, ajudantes de pedreiro, prestadores de pequenos serviços, no plantio de mandioca e também nas lavouras de café, de forma precária, por baixíssimos salários.

Diante das condições de trabalho vinculados aos baixos salários, 100% dos trabalhadores entrevistados relatam insatisfação em relação as atividades que desempenham. Contudo, por falta de melhores opções atreladas as necessidades cotidianas, acabam por não tendo muitas escolhas.

Em relação a infraestrutura do povoado, este não possui água encanada, a população é abastecida com água dos poços, das fontes e água da chuva armazenada em tanques construídos pelo governo federal. Porém, vem sendo instalados encanamentos de um poço artesiano para as casas das pessoas (Figura 4).

Figura 4 – Instalação de encanação de água no povoado Lagoa de Juazeiro - BA



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

A única escola que atende a população local, só abrange o ensino fundamental I, com apenas uma sala de aula funcionando, com alunos de todas as séries juntas, precarizando ainda mais o ensino (Figuras 5 e 6).

Figuras 5 e 6, respectivamente – Escola Casemiro de Abreu – Povoado Lagoa de Juazeiro



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

Além da precariedade no ensino, há também uma precariedade na estrutura, a escola vinha sendo tomada pelo o mato há tempos, até que a população se reuniu em um mutirão para limpar, pois estava sendo focos para proliferação de bichos peçonhentos, como cobras e escorpiões, além disso, há grande reclamação da população sobre o muro da escola que vem representando um perigo para as crianças que lá frequenta, pois o mesmo não se encontra firme, ameaçando cair (Figura 6).

Os limites dos terrenos das casas são formados por cercas (Figura 7), pouquíssimas casas são muradas com tijolos, de forma geral, que que possuem muros são casas vazias, de pessoas que foram trabalhar fora e com o dinheiro arrecadado, aos poucos foram investindo em suas residências, ou, são residências que possuem algum ponto comercial, como bares.

Figura 7 – Casa com cerca – Povoado Lagoa de Juazeiro



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

Por não possuírem rede de saneamento básico, esgotos e água encanada, dos 92% dos entrevistados que possuem sanitários, 59% não possuem banheiros acoplados à residência (Figura 8), os banheiros são construídos fora da casa para evitarem mal cheiro. 36% dos banheiros da população entrevistada, não possuem vasos sanitários, e sim, um buraco para a família fazer suas necessidades fisiológicas (Figura 9).

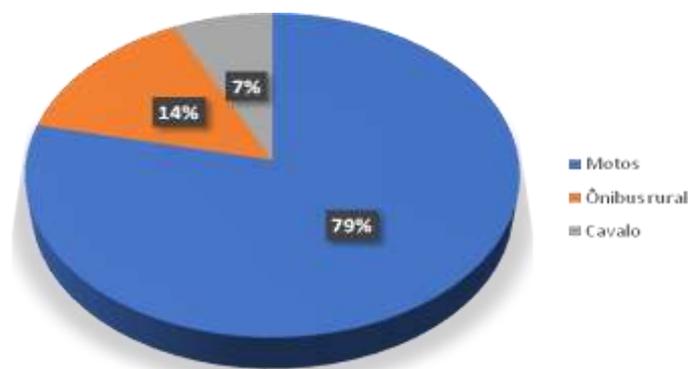
Figuras 8 e 9, respectivamente – Modelo de banheiro comum no Povoado Lagoa de Juazeiro



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

No que diz respeito ao lazer, além dos eventos religiosos, os entrevistados relataram frequentar cavalgadas, jogos de futebol, tanto no povoado, quanto nas redondezas, mas o forte mesmo, são os encontros nos bares. Os bares são frequentados por todas faixas etárias, desde criancinha, à idosos. Questionados sobre as vontades e curiosidades em vivenciar diferentes propostas de lazer, por quase que unânime, a resposta foi “ir ao cinema”, nenhum dos entrevistados nunca entraram em uma sala de cinema, dizem conhecer apenas por televisão. Sobre o acesso à internet, apenas 7% dos entrevistados confirmaram fazerem uso dessa ferramenta constantemente, com acesso via aparelho de celular. Sobre os meios de transportes mais utilizados para se locomoverem até o ambiente de trabalho, 79% informaram que vão motocicleta (Figura 10). Observa-se que as motocicletas vão gradativamente substituindo os cavalos, o veículo que cada dia aumenta o número de adeptos, é considerado, por eles, mais potente e capaz de passar por trilhas, atravessar córregos e matagais, executar as tarefas domésticas, como levar os filhos à escola e buscar familiares nos pontos de ônibus distantes. O que não é mais considerado novidade se tornou objeto de desejo dos moradores do povoado Lagoa de Juazeiro. Apesar do uso do cavalo ainda atrair muitas pessoas de várias faixas etárias, inclusive os praticantes das montarias por lazer, nas tradicionais cavalgadas, para muitos, preparar o animal para a montaria e sair no galope pelas estradas é coisa do passado.

Figura 10 – Meios de transportes mais utilizados dentro do povoado

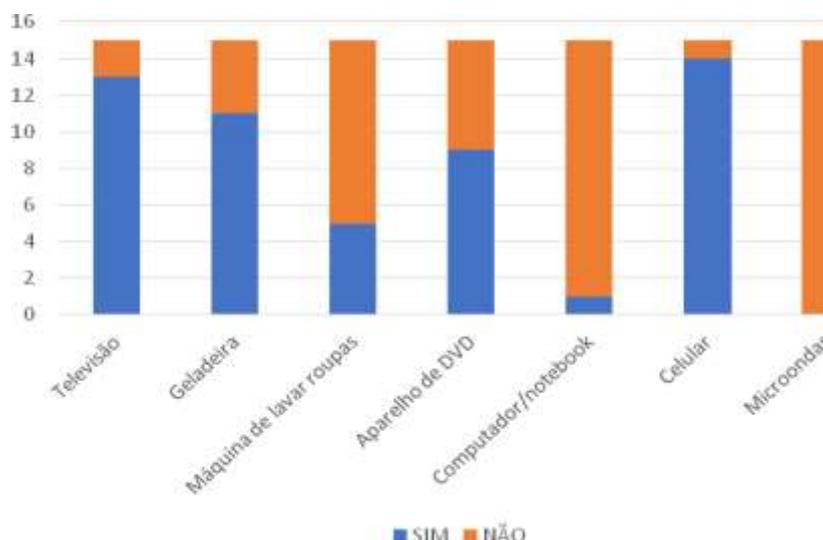


Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

No campo das aquisições de eletrônicos e eletrodomésticos foi verificado que os entrevistados possuem o mínimo e o básico dos aparelhos eletrodomésticos para facilitarem as demandas do dia-a-dia doméstico (Figura 11), como aparelho televisor e geladeira, já aparelhos como micro-ondas, forno elétrico, fritadeira, dentre outros, não estão presentes no cotidiano doméstico dessas pessoas. Quanto aos equipamentos de informática, ainda é uma grande novidade para essa população. Sobre o estilo de vida como um dos critérios determinantes para o modo de vida, no quesito vestuário, os entrevistados informaram que preferem um estilo mais *country*, com uso de botas, chapéus, cintos e fivelas. Mesmo considerando-se ecléticos aos ritmos musicais, a eleita por eles é o ritmo sertanejo, variando entre os clássicos aos atuais. Em suas cozinhas, símbolos marcantes do rural, como o fogão à lenha, panelas de barro, filtros de água e potes de barro. Mesmo tendo fogões a gás, não abrem mão do fogão à lenha, é o mais utilizado, o de gás é deixado como secundário, apenas para eventualidades.

Diante do que foi exposto, percebe-se, que apesar de toda a pressão que a cultura e os modos de vida rurais sofrem por parte das atividades capitalistas urbano-industriais, os mesmos resistem fortemente.

Figura 11 – Aquisição de eletrônicos e eletrodomésticos



Fonte: SANTOS, Macsuelle, pesquisa em campo, 2019.

Os dados e informações apresentados demonstram o estado de pobreza, ausências, resistência e precariedades vivenciada no povoado Lagoa de Juazeiro. A ausência e/ou precariedade nas áreas de serviço, saúde, educação, saneamento básico, dentre outros, no sentido das privações, colocam essa população em uma situação de vulnerabilidade maior em relação à população que reside em áreas urbanas.

A pobreza é um fenômeno que atinge milhões de pessoas no Brasil e no mundo, de acordo Costa e Costa (2016), o conjunto de fatores que explicam a existência e aprofundamento da pobreza nas áreas urbanas e rurais, são distintas. Todavia, segundo os autores, diversos estudos explicam o fenômeno apenas como um fenômeno unidimensional, apenas na dimensão monetária, como sendo resultante apenas da escassez dos recursos monetários, oriundos da má distribuição de renda, no entanto, eles defendem, através de pesquisas atuais, que a pobreza é um fenômeno de natureza multidimensional e, conseqüentemente, esforços têm sido realizados no sentido de construir indicadores de pobreza que contemplem as diversas formas de privações. Ainda para os autores, os índices de pobreza extrapolam a natureza monetária e são direcionados às perspectivas da saúde, educação, habitação, água, terra etc. Assim, a pobreza pode ser definida como:

o estado de carência em que vivem indivíduos ou grupos populacionais, impossibilitados, devido a insuficiências de rendas ou inexistência de bens de consumo, de satisfazer suas necessidades elementares de alimentação, moradia, vestuário, saúde e educação (COSTA e COSTA, 2016).

A grande incidência de pobreza no meio rural exige da ação governamental estratégias específicas capazes de reconhecer e incorporar em suas ações a diversidade social e econômica existente no campo, capazes de entender os diferentes cenários locais e, assim, definir ações de acordo com o perfil produtivo e/ou social das localidades e não simplesmente fornecer o mesmo remédio para pacientes distintos, seria algo plausível dentre as diversas propostas adotadas ou a serem executadas. Além da alta incidência de pobreza, a situação produtiva e econômica dos mais pobres no campo aponta um quadro geral de famílias com produção insuficiente e em

situação de insegurança alimentar, provocadas pela confluência de fatores como a falta de infraestrutura necessária que viabilize a produção, incluindo a falta de água.

Considerações Finais

Os modos de vida urbana e rural são dois tipos de sociedade estreitamente interdependentes e o processo de urbanização ultrapassa os limites das cidades, assim como o rural excede os limites dos campos. Apesar da especialidade do campo seja as atividades primárias, cada vez mais, está adentrando nesses espaços novas configurações e relações do trabalho mais próximos do modo de vida urbano, como vem acontecendo no Povoado Lagoa de Juazeiro, pois mesmo que as atividades sejam rurais, a relação do trabalho é urbano, com salários pré-definidos, com padrão fiscalizando, com hora de chegada e saída, etc. Ainda que residindo nas áreas rurais, tornou-se comum algumas pessoas ocuparem funções não-agrícolas.

A interdependência, a mobilidade, o acesso às informações, as migrações campo-cidade e cidade-campo, levaram ao campo elementos e hábitos considerados urbanos, ao mesmo tempo, levaram às cidades, hábitos e estilos rurais. Daí, tornou-se mais difícil distinguir o que é urbano do que é rural, de modo que, as características do campo e das cidades passaram a dividir os mesmos espaços. Porém, mesmo tendo contato com hábitos urbanos, a população não abandona tão facilmente os hábitos rurais.

A situação de pobreza ou extrema pobreza vivenciada pela população do povoado Lagoa de Juazeiro está relacionada a diversos fatores, entre eles: o desemprego, o baixo nível educacional, a baixa qualificação da mão de obra, a má distribuição da renda, à ausência de políticas públicas que atenda as necessidades dessa população, etc.

Finalizando, na visão dicotômica dos espaços rurais e urbanos, que define o rural a partir das ausências estruturais da cidade, ignorando a inter-relação entre o urbano e o rural, o povoado de Juazeiro não se classifica como um espaço urbano. Do ponto de vista do continuum que defende a ideia de “hibridade” nos espaços urbanos e rurais, definindo-os como modos de vida, mesmo predominando o modo de vida rural, há vestígios do urbano.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, F.J.B; PIMENTEL, C.E. **Uma aproximação semântica aos conceitos de urbano, rural e cooperativa.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Mai-Ago 2004, vol. 20, n. 2, pp. 175-182.

CARLOS, Ana Fani. **A (re)produção do espaço urbano.** São Paulo: Edusp, 2008.

COSTA, Rodolfo F. R. COSTA, Genivalda Cordeiro. **Pobres no Campo, Ricos na Cidade? Uma Análise Multidimensional da Pobreza.** Rev. Econ. Sociol. Rural vol.54 no.3 Brasília July/Sept. 2016.

ENDLICH, Ângela Maria. **Perspectivas sobre o urbano e o rural.** In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: Relações e Contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GRAZIANO DA SILVA, José, **O novo rural brasileiro.** Nova Economia, v. 7, n. 1. Belo Horizonte- MG, 1997. p. 43-81.

GUERRA, I. **Modos de vida: novos percursos e novos conceitos.** Sociologia - Problemas e Práticas, n. 3, p. 59-74, 1993.

IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil 2010.** Rio de Janeiro.

IBGE. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil.** Uma primeira aproximação. Estudos e pesquisas, informação geográfica, número 11. Rio de Janeiro, 2017.

JACINTO, Janério Manoel; MENDES, César Miranda; PEREHOUSKEI, Nestor A. **O rural e o urbano: Contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço urbano.** Revista Percurso, Maringá, v. 4, n. 2, pág. 173-191, 2012.

KIELING, Rejane Inês; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **O rural, o urbano e o contínuo urbano-rural no contexto do desenvolvimento regional.** Perspectiva, Erechin. V. 39. N. 148, p. 133-143, dezembro/2015.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão.** Terra Livre, São Paulo, v. 2, n. 19, p. 95-112. jul./dez, 2002.

MOREIRA, Roberto José. **Cultura, Política e o Mundo Rural na Contemporaneidade.** Estudos, Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, n. 20, p. 113-143, abr., 2003.

SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. **O conceito de rural.** In: GIARRACCA, Norma. (Org.). Uma Nueva Ruralidad en América Latina?. Buenos Aires:Asdi/ Clacso, p.66-79, 2001.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida.** In: VELHO, Otávio G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.